

1. (Atos 1:8) O Poder para Ser Testemunha: Do Reino Visto ao Reino Vivido

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 24/10/2025 20:58

1. De Jesus para a Igreja: A Continuação da História para Teófilo

O livro de Atos dos Apóstolos surge como uma continuação natural e indispensável da narrativa iniciada no Evangelho de Lucas. Ambos os escritos são endereçados a um personagem chamado Teófilo, provavelmente um novo convertido que buscava aprofundar sua compreensão sobre a figura de Jesus e a origem da vibrante comunidade de fé que emergia ao seu redor. No primeiro livro, **Lucas apresenta uma biografia detalhada de Jesus** — seus ensinamentos, milagres, confrontos com a religião estabelecida e, finalmente, sua morte e ressurreição. Aquele era o relato do "Jesus carne e osso", o Deus que se fez homem e caminhou entre as pessoas.

Agora, em Atos, Lucas se propõe a contar a história subsequente: **o que aconteceu depois que Jesus foi elevado aos céus**. Este segundo volume narra o nascimento e a expansão da Igreja, não mais sob a presença física de Cristo, mas impulsionada pela presença viva de Seu Espírito. Nesse sentido, o livro de Atos se torna um espelho muito mais próximo da nossa realidade. Nós, assim como os cristãos que vieram depois da primeira geração, não conhecemos o Jesus físico; nossa relação se estabelece com o Cristo em espírito, que habita em sua Igreja.

O contexto em que Teófilo recebe essa narrativa é crucial. Especula-se que Lucas tenha escrito Atos por volta dos anos 64 a 67 d.C., mais de três décadas após a ascensão de Cristo. Teófilo, portanto, não era uma testemunha ocular dos eventos do evangelho, mas observava uma Igreja que fervilhava e se expandia por diversas cidades, mesmo em meio a uma intensa perseguição. Ele via a paixão dos cristãos, ouvia as histórias sobre apóstolos como Paulo e, em meio a tudo isso, desejava entender: quem é, de fato, esse Jesus? E o que é essa Igreja que nasce com tanta força a partir de Seu nome? Lucas responde a essas perguntas, começando por onde a história de Jesus na Terra terminou e a jornada da Igreja começou.

2. Os 40 Dias do Cristo Glorificado: Provas Vivas e a Natureza do Reino Vindouro

Após sua ressurreição, Jesus não ascendeu imediatamente aos céus. Pelo contrário, Lucas relata a Teófilo que Ele permaneceu **presente entre seus discípulos por um período de 40 dias**, oferecendo o que o texto descreve como "muitas provas incontestáveis" de que estava vivo. Este não foi um tempo de aparições vagas ou espirituais, mas de encontros concretos e marcantes. Ele apareceu às mulheres junto ao túmulo vazio, caminhou com os discípulos desolados na estrada para Emaús, surgiu no meio do cenáculo trancado e chegou a comer com eles para dissipar qualquer dúvida. Em um desses momentos, convidou Tomé a tocar em suas feridas, transformando a incredulidade em adoração. Em outro, preparou peixe na praia para os apóstolos cansados, restaurando Pedro com a pergunta "Tu me amas?".

Esses encontros revelam a **natureza do corpo glorificado de Cristo**. Não se tratava de um anjo ou um espírito, mas de um corpo físico, porém perfeito, eterno e livre da degeneração do pecado e da morte. O fato de Jesus comer, beber e conversar com seus seguidores nesse estado glorificado oferece um vislumbre poderoso da eternidade que Ele prometeu. A vida eterna não é uma existência etérea e abstrata, mas uma realidade física e relacional em Novos Céus e uma Nova Terra. Será um reino de pessoas que se alegram à mesa, que trabalham e criam em um mundo incorruptível, vivendo em comunhão perfeita com Deus e uns com os outros, livres da maldade, da inveja e do egoísmo.

Para os primeiros leitores, de herança judaica, o período de 40 dias também carregava um forte

simbolismo, remetendo a tempos de transição, peregrinação e preparação, como a jornada no deserto. Para os discípulos, foi um tempo de ensino final e fortalecimento, onde Jesus continuou a falar sobre o Reino de Deus, preparando-os para a missão que estava prestes a começar. Para Teófilo, e para nós, é a certeza de que a ressurreição não foi um evento isolado, mas o início de uma nova criação, validada pela presença real e palpável do Cristo vitorioso.

3. A Promessa do Pai: A Expectativa pelo Poder do Espírito Santo

Durante um de seus encontros pós-ressurreição, Jesus deu uma ordem clara e fundamental aos seus discípulos: eles não deveriam se afastar de Jerusalém. Essa instrução era, em si, um teste de obediência e fé. Como homens da Galileia, Jerusalém não era seu lar; suas famílias, trabalhos e rotinas estavam em outro lugar. A ordem para permanecer na cidade significava pausar suas vidas e esperar por algo que ainda não compreendiam completamente.

O motivo dessa espera era "a promessa do Pai", um evento que Jesus descreveu como um batismo de natureza superior ao que conheciam. Ele declarou: "Porque João, na verdade, batizou com água, mas vocês serão batizados com o Espírito Santo, dentro de poucos dias". Essa promessa marcava o início de uma nova era na forma como Deus se relacionaria com a humanidade. Se no passado Deus falou através dos profetas e da Lei, e se nos últimos anos Ele havia se revelado através do Filho em carne e osso, agora uma nova fase seria inaugurada: **Deus habitaria diretamente em seu povo através do Espírito Santo.**

Essa promessa era o ponto de virada. A obra que Jesus começou não terminaria com sua ascensão; pelo contrário, ela seria amplificada e continuada por pessoas comuns, capacitadas por um poder divino. A ordem para esperar em Jerusalém não era um convite à inatividade, mas um período de preparação para o momento em que seriam revestidos de poder do alto, um poder que os transformaria de seguidores amedrontados em testemunhas corajosas, prontas para levar a mensagem de Cristo a todo o mundo.

4. Desvendando o Poder: O Verdadeiro Significado de *Dýnamis* e *Mártires*

A promessa de Jesus em Atos 1:8 é uma das mais conhecidas das Escrituras:

"mas vocês receberão poder ao descer sobre vocês o Espírito Santo e serão minhas testemunhas".

Para compreender a profundidade dessa declaração, é fundamental analisar o significado original das palavras "poder" e "testemunhas", que carregam um peso muito maior do que suas traduções modernas sugerem.

A palavra grega para "poder" é ***dýnamis***. É comum, por uma associação sonora, conectar-a à ideia de "dinamite" ou a uma explosão de milagres e feitos maravilhosos. No entanto, essa interpretação é um anacronismo — uma leitura do passado com lentes do presente. A dinamite não existia na antiguidade, e o conceito de *dýnamis* no texto não se refere a um evento explosivo, mas a uma **capacitação** divina. Trata-se da força e da energia de Deus implantadas no crente, habilitando-o para uma tarefa específica. Jesus não estava prometendo um espetáculo, mas sim a resistência e a competência espiritual necessárias para cumprir sua missão.

O propósito dessa capacitação se revela na palavra seguinte: "testemunhas". No grego, o termo utilizado é *mártires*, do qual deriva a nossa palavra "mártir". Ser uma testemunha de Cristo, no contexto do primeiro século, não era simplesmente contar uma história que se viu. Era muito mais

profundo: era encarnar essa história, transformando a própria vida em uma evidência viva da ressurreição. O **testemunho cristão não é primariamente uma palavra falada, mas uma vida vivida.**

No cenário da Igreja Primitiva, sob a perseguição do Império Romano e das autoridades judaicas, a conexão entre ser *mártires* e sofrer o martírio era direta e inescapável. Proclamar-se cristão colocava a pessoa em rota de colisão com as estruturas de poder, **eo custo frequentemente era a própria vida**. Apóstolos como Tiago, morto ao fio da espada, Pedro, crucificado, e Paulo, executado em Roma, são exemplos primários desse testemunho radical. Portanto, o poder prometido por Jesus não era para autoglorificação, mas para perseverar na fé, mantendo o testemunho íntegro mesmo diante da morte.

5. Um Reino Incompreendido: A Expectativa Humana Contra o Plano Divino

Mesmo após 40 dias de ensinamentos diretos com o Cristo ressurreto, a mentalidade dos discípulos ainda estava profundamente enraizada em expectativas terrenas. Isso fica evidente na pergunta que fazem a Jesus pouco antes de sua ascensão: "Senhor, será este o tempo em que restaurarás o reino a Israel?". A questão revela que eles ainda aguardavam a instauração de um reino político, a restauração da soberania nacional de Israel e a expulsão do Império Romano, com o Messias assumindo um trono humano.

A resposta de Jesus é uma obra-prima de redirecionamento. Ele não os repreende, mas corrige o foco: "Não cabe a vocês conhecer tempos ou épocas que o Pai fixou pela sua própria autoridade". Com essa frase, Ele desloca a preocupação deles da especulação sobre o "quando" para a urgência da missão no "agora". Em vez de lhes dar um cronograma, Jesus lhes dá um propósito.

Ele continua, contrastando a curiosidade deles com o plano divino: "Mas vocês receberão poder para serem minhas testemunhas...". A restauração que Deus tinha em mente não era a de um império geográfico, mas a de vidas e corações, por meio do testemunho de um povo capacitado pelo Espírito. Jesus estava lhes mostrando que **o Reino de Deus já estava sendo inaugurado, não com exércitos e tronos, mas com a transformação de pessoas** que, por sua vez, se tornariam agentes de transformação no mundo. A preocupação deles era com o poder político; a de Cristo, com o poder espiritual para testemunhar.

6. A Ascensão e a Missão: De Olhos no Céu à Ação na Terra

O clímax dos encontros de Jesus com seus discípulos culmina em sua ascensão. Lucas descreve a cena de forma majestosa: "foi elevado às alturas, à vista deles, e uma nuvem o encobriu dos seus olhos". A reação dos apóstolos é perfeitamente humana e compreensível: eles permaneceram paralisados, com os "olhos fixos no céu", contemplando o lugar para onde seu Mestre havia partido. Nesse momento, a espiritualidade deles corria o risco de se tornar meramente contemplativa, passiva e nostálgica.

É nesse ponto que intervêm dois "homens vestidos de branco", figuras angelicais que trazem uma mensagem de reorientação. A pergunta que fazem é direta e tem o poder de quebrar o transe: "Homens da Galileia, por que vocês estão olhando para as alturas?". Essa não é uma repreensão à adoração, mas um chamado urgente à ação. A mensagem implícita é clara: o tempo de olhar para cima acabou; agora é tempo de olhar ao redor e começar a viver o que Cristo lhes ordenou. A fé não deveria se resumir a uma espera passiva pela volta de Jesus, mas a um engajamento ativo na missão que Ele lhes confiou.

A promessa da segunda vinda, que os anjos reafirmam — "esse Jesus [...] virá do modo como vocês o viram subir" —, não é um convite para montar acampamento e esperar, mas o combustível para a jornada. A certeza de seu retorno é o que dá sentido e urgência à tarefa de ser suas testemunhas "até os confins da terra". A ascensão, portanto, não marca um fim, mas um começo: o momento em

que a responsabilidade da missão é transferida para a Igreja, que agora deve agir na terra, motivada pela promessa que vem do céu.

7. A Fé na Contramão do Mundo: O Testemunho que Converteu Teófilo

Para entender a profundidade da conversão de Teófilo, é preciso analisar o que ele observava ao seu redor. Sua decisão de crer em Cristo não foi motivada por benefícios tangíveis ou por uma demonstração de poder nos moldes do mundo. Ele não se converteu porque viu os cristãos assumindo o controle político de Roma ou do Sinédrio judaico. Não foi porque eles se tornaram mais ricos e prósperos que os demais, nem porque formaram um exército vitorioso. Pelo contrário, o cenário que Teófilo testemunhava era de aparente derrota.

Ele via uma comunidade perseguida, cujos membros eram frequentemente marginalizados e hostilizados. Ele soube da história de Estêvão, que foi apedrejado; de Tiago, executado pela espada; e provavelmente acompanhava o caso de Paulo, um dos maiores expoentes do movimento, que se encontrava preso. Ele não via grandes templos, mas pequenos grupos que se reuniam em casas para partilhar o pão, muitas vezes de forma escondida. Do ponto de vista humano, não havia nada atraente ou vantajoso em se juntar a eles.

Então, o que o convenceu? Teófilo foi cativado pela força inexplicável do testemunho de um povo que, mesmo diante da morte, não negava sua fé. Ele via pessoas que, ao serem presas e ameaçadas, respondiam com coragem, afirmando que não poderiam deixar de falar do que tinham visto e ouvido. Havia um ditado na época que resumia esse fenômeno: "**o sangue dos cristãos é semente**". Quanto mais o Império Romano os matava, mais a fé brotava e se espalhava. Foi essa resiliência sobrenatural, essa alegria em meio ao sofrimento e essa generosidade em face da escassez que provaram a Teófilo que o poder que movia aquela gente não era deste mundo. Foi o testemunho vivo — o *martírio* em sua essência — que o levou a crer.

8. O Chamado ao Testemunho Hoje: Uma Fé Além de Ideologias e Benefícios

A mensagem de Atos 1 para Teófilo ressoa com uma urgência particular para a Igreja contemporânea. Hoje, a perseguição pode não se manifestar com leões em arenas, mas com pressões sociais e culturais que nos incentivam a diluir nossa fé para sermos aceitos, ou **anegar convicções bíblicas para nos sentirmos acomodados**. Em contrapartida, existe também a tentação de usar o cristianismo como uma ferramenta para conquistar poder, alinhando a fé a uma ideologia humana, seja ela de lado A ou B, na esperança de obter proteção e vantagens.

O testemunho dos primeiros cristãos nos confronta diretamente: a fé em Jesus não é uma ideologia política nem uma filosofia de vida. Não é um mercado de benefícios onde trocamos adoração por prosperidade, nem uma arma para impor nossa vontade sobre os outros. A essência da fé cristã é a rendição. É a experiência de morrer para si mesmo para que Cristo viva em nós. **É negar nossos próprios desejos, tomar nossa cruz e seguir a Ele, orando para que o Seu reino venha e a Sua vontade seja feita, não a nossa.**

O poder do Espírito Santo nos foi dado para sermos testemunhas fiéis, não para vendermos nosso testemunho em troca de segurança ou influência. O chamado é para seguir a Cristo, mesmo que isso nos custe. É para viver o amor de Deus de forma tão genuína que, assim como Teófilo, as pessoas ao nosso redor sejam atraídas não por nosso poder terreno, mas pela força sobrenatural que emana de uma vida entregue. A verdadeira vida já nos foi dada em Cristo, e é essa vida que somos chamados a viver e a proclamar, haja o que houver.

A Casa da Rocha. #01 - O Reino, o poder e as testemunhas - Zé Bruno - Meu Caro Amigo 2 . Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=p8Jqgdzg76A&list=PLIn4KGoeU_UkjCsD120k3YjD2k4SX5fCI.

Acesso em: 05/09/2025.

Documento gerado em 04/02/2026 04:22:03 via BeHOLD

BeHOLD